

ANTROPOLOGIA E INTERNET. Pesquisa e Campo no meio virtual

por

Rita Amaral*

INTRODUÇÃO

Durante a sessão de defesa de minha tese de doutorado sobre as festas brasileiras¹, um dos aspectos mais notados e comentados com grande curiosidade pela banca foi o uso que fiz de dados coletados em fontes da Internet e de conversas e entrevistas realizadas em *chats* (conversas por computador, em tempo real) com a finalidade de atualizar as informações sobre as festas que estudei a partir da bibliografia tradicional, nas cinco diferentes regiões do país. Não se questionava a validade ou não do *uso* destas fontes, que a todos pareceu legítimo, mas de compreender mais profundamente de que modo se insere um antropólogo no “campo” virtual, onde categorias básicas do entendimento humano como tempo, espaço, corpo etc, encontram-se “deslocadas” e as pessoas estão, de certa maneira, “homogeneizadas” em sua presença na tela do monitor do computador. Por esta razão, apresento neste artigo algumas idéias e informações sobre as condições de pesquisa utilizando computadores e a rede Internet.

Se muitos antropólogos ainda não pensam o computador como um instrumento de pesquisa, muitos de nossa “tribo” já utilizam seu computador pessoal como processador de texto e boa parte também como via de acesso à Internet para enviar mensagens eletrônicas (*e-mails*) para os colegas². Tem-se deixado, entre-

* PhD em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. (E-mail: ritaamaral@pobox.com).

¹ *Festa à Brasileira – sentidos do festejar no país que “não é sério”* – Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Publicação on-line (<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>).

² Ainda assim, é bastante reduzido o número de antropólogos que faz uso desse recurso, mesmo quando as universidades às quais estão vinculados oferecem o acesso à Internet a seus pesquisadores, integral e gratuitamente. Note-se que não se trata apenas da dificuldade em se adquirir um computador e uma linha telefônica (equipamentos necessários), já que as próprias universidades os disponibilizam.

tanto, de explorar os recursos do computador como instrumento de pesquisas e não apenas para a organização e análise estatística dos dados que recolhemos em campo (quando dominamos a operacionalização dos programas – *softwares* – indicados para tais finalidades). O que pretendo levantar como tema de discussão, aqui, é a imensa versatilidade advinda não apenas da simplificação no uso dos programas, mas também das facilidades de acesso à rede Internet, de modo que os computadores podem e devem ser usados, efetivamente, para a realização de pesquisas qualitativas pelos cientistas sociais.

O reconhecimento da pesquisa qualitativa como uma atividade sistemática e o desenvolvimento de programas de pesquisa interdisciplinares têm chamado a atenção dos acadêmicos (especialmente norte-americanos, para os quais o acesso à tecnologia informática se deu bem mais cedo e com custos muito menores), para o uso do computador como um auxiliar também nas pesquisas na área de antropologia e em sua publicação³.

O tipo de dados (qualitativos) nos quais um antropólogo pode estar interessado (textos, falas, música, filmes, fotografias e outros tipos de comunicação) vêm se tornando cada vez mais digitalizáveis e, desse modo, passíveis de serem transmitidos via *modem* entre computadores, ou postados e capturados na rede Internet. Com isso, os computadores podem transformar, em alguns sentidos, o modo pelo qual a pesquisa qualitativa vem sendo feita e, até mesmo, sugerir novas pesquisas sobre o próprio uso da Internet como fonte de dados ou como espaço de relacionamento entre grupos.

A partir de minha experiência de pesquisa foi possível constatar que o uso do computador e da rede Internet pode ajudar a solucionar alguns dos problemas práticos durante as várias fases de uma pesquisa: desde a coleta de dados até a apresentação. Pode-se discutir se o uso do computador é possível na fase de análise, a mais árdua delas. Não creio que possa responder a esta questão neste artigo, uma vez que em minha pesquisa, esta fase não se fez, de fato, com o uso do computador, o que também não significa, segundo entendo, que não possa ser feito. É possível, por exemplo, pensar na utilidade da discussão de nossas conclusões com pesquisadores diversos via *e-mail* ou *chat*. Deixo em suspenso, portanto, esta discussão. Em outras fases da pesquisa, contudo, o uso do computador pode ser de grande ajuda e não deve ser menosprezado.

³ Marcadamente nos últimos dez anos, com a expansão e popularização do acesso à Internet (Anderson, 1990; Bernard, 1994; Chesebro, 1989; Hudson, 1990; Jones, 1995).

A INTERNET COMO FONTE DE DADOS

Um dos primeiros usos da rede Internet numa pesquisa antropológica pode ser feito já durante a elaboração de um projeto de pesquisa. Se o pesquisador tem uma investigação em mente, ele pode usar rede para consultar as várias bibliotecas do mundo e verificar o que existe sobre seu tema de pesquisa. Em algumas bibliotecas é possível solicitar o envio de cópias pelo correio, debitando-se seu custo no cartão de crédito internacional. Em outras, pode-se simplesmente transferir, via *modem*, para o computador pessoal, o arquivo que se encontra compactado e disponível nas bibliotecas. Tendo transferido para seu próprio computador o arquivo desejado (que pode ser uma tese, um livro, a digitalização de um quadro, um mapa antigo, músicas, depoimentos etc), basta descompactá-lo (os arquivos são comprimidos para tornar sua transferência via *modem* mais rápida) e imprimi-lo, poupando meses, até, na busca e aquisição de um texto ou qualquer outro dado. Alguns *sites*⁴ de instituições, como o do Projeto Gutenberg, o Web-Museum e alguns *sites* universitários, também mantêm vários textos e digitalizações das imagens disponíveis para *download*⁵.

O que faz do computador uma ferramenta importante para o pesquisador é principalmente sua capacidade de rearranjos constantes: os únicos limites são dados pelas características técnicas da máquina e dos acessórios que possui (*hardware*) e, mesmo assim, pode-se sempre fazer melhorias (*upgrades*) num computador, sem precisar substituí-lo, além de acrescentar novos acessórios e aumentar a capacidade de armazenamento de dados sempre que necessário. Várias novas funções dos computadores estão sendo popularizadas (gravação de sons digitais, imagens, captação de programas de televisão, etc.) e seu papel na pesquisa qualitativa vem se tornando menos o de uma máquina de escrever ou de uma calculadora sofisticadas e bem mais o de um assistente de pesquisa.

O pouco uso que pesquisadores da área de ciências humanas vêm fazendo do computador e da Internet como meio de acesso a fontes de dados talvez se deva ao fato de que até bem recentemente não havia meios suficientes (e simples) de localizar e coletar os dados. Com o desenvolvimento da rede Internet o número de bancos de dados vem aumentando rapidamente e hoje dificilmente se pensa num tema sobre o qual não haja dados disponíveis de alguma forma, na Net (modo reduzido de dizer Internet). Existem páginas e páginas (*sites*) sobre qualquer tema, sem mencionar as facilidades oferecidas pelos jornais eletrônicos (do

⁴ *Site* é o nome que se dá ao conjunto de páginas de uma dada pessoa ou instituição com o mesmo endereço (URL) postado na Internet. Corresponde, em português a sítio, lugar.

⁵ Captura de alguma informação que está gravada em um computador da rede, transferindo-o pela linha telefônica para o próprio computador.

“Times” ao “Le Monde”, da “Folha de São Paulo” ao “Diário de Borborema”), livros sagrados digitalizados, livros-arquivos para serem copiados e impressos, poesia, literatura, museus com obras de artistas do mundo todo, dados de órgãos governamentais, *sites* de letras clássicas, mitologias, universidades etc. Todo tipo de informação está acessível na Net ou através dela. Entidades financiadoras como a FAPESP, o CNPq, a Ford Foundation, além de várias outras instituições, disponibilizam informações, dados, e até mesmo os formulários para *download*⁶ e impressão em nossa impressora, em casa, poupando tempo e dinheiro em questões burocráticas. Não se pode fugir, pelo menos enquanto não entra em funcionamento a Internet II (de exclusivo uso acadêmico) ao incômodo (para o antropólogo, mas não, por exemplo, para o publicitário) de ter que passar por páginas comerciais, experiências multimídia e outras que tomam nosso tempo quando estamos em busca de algum dado específico. Estas páginas são compostas, em geral, de fotos trabalhadas ou com interferências criativas e não de fotos documentais, das coisas “como elas são”. Mas podem constituir excelentes materiais de pesquisa em antropologia visual, fotografia, semiótica e outras.

Uma vez que os dados estão digitalizados e capturados, o computador pode ser usado também para percorrê-los, reduzi-los, extraí-los, administrá-los, analisá-los e revelar sentidos, padrões. Alguns pesquisadores americanos começaram mesmo a desenvolver um *corpus* de conhecimento e *softwares* nas últimas décadas. Já existem programas que podem realizar algumas das tarefas “braçais” da pesquisa de certos aspectos da cultura, como etnolingüística, etnomatemática, etnobotânica etc, que exigem classificações, contagens, acesso a fichas etc. E ainda, como a pesquisa qualitativa tem necessidades especiais, e mesmo considerando o pequeno mercado, já existem pelo menos dois programas especialmente desenvolvidos para responder a estas necessidades relacionadas à administração de dados das pesquisas de campo. Estes programas, apesar de já antigos, são pouco conhecidos no Brasil e, devido ao fato de que os antropólogos constituem um grupo muitíssimo menor do que o das áreas de exatas e biológicas, programas como Etnograph e Kwalitan, até onde pude saber, têm muito menos suporte (assistência operacional), menos documentação, pouca atenção para o *feedback* do usuário, interfaces (modo de operação, na tela) pobres e maiores períodos sem atualizações do que programas como, os *browsers* (paginadores – programas de acesso à Internet). Eles em geral não são escritos por equipes de programadores profissionais, mas por pesquisadores solitários e tendem a ser infestados de *bugs* (problemas de programação), incompatibilidades e necessidade de aperfeiçoamento.

⁶ Captura de alguma informação que está gravada em um computador da rede, transferindo-o pela linha telefônica para o próprio computador.

Nos textos postados na Usenet⁷, nos BBS, nas listas de discussão e na WWW (World Wide Web⁸), um pesquisador interessado em coletar dados e opiniões sobre assuntos específicos não encontrará grandes dificuldades. Os mecanismos de busca tornam possível, por exemplo, encontrar todas as mensagens sobre certos assuntos (ateísmo, doenças, esoterismos, religiões e milhares de outros) que foram trocadas nas redes de mensagens nos últimos dias. Um dos problemas a serem enfrentados, entretanto, é o de que muitos destes dados textuais são efêmeros. Nem todos eles são arquivados pelos provedores e, assim, o pesquisador pode coletar tudo que foi escrito sobre um determinado período em que está acompanhando uma lista de discussão sobre drogas, por exemplo, mas não poderá ver como as atitudes a respeito deste tema específico mudaram em alguns anos.

Outra situação comum é as pessoas (especialistas ou não) criarem *sites* com seus próprios textos e informações na Net e que desaparecem quando o *site* muda de endereço (URL⁹), quando o provedor fecha ou o responsável pelo *site* simplesmente não quer mais pagar a hospedagem de suas páginas¹⁰ ou mesmo já não deseja mais mantê-la. Quem acessa¹¹ a Internet frequentemente conhece bem o famoso “*Error 404 – File Not Found*”, que indica que alguma página que anteriormente se encontrava ali já não pode ser encontrada. A armazenagem de dados para a infinidade de material postado na Net (bilhões de palavras aparecem nas mais de cinco mil listas de discussão da Usenet por dia) não é gratuita, e o custo para arquivar tudo isso seria incalculável. Em qualquer caso, quem começa uma pesquisa procurando dados na Internet deve saber que eles precisam ser “garim-

⁷ A Usenet consiste num sistema de grupos que fazem debates, bate papos e todas as formas de discussão coletiva pela Internet. A Usenet News é uma fonte há informação de todos os tipos. Frequentada por pessoas das mais diversas origens, idades e com os mais variados objetivos, uma das características mais marcantes desse espaço são as trocas de idéias em total liberdade, já que não existe censura. A Usenet é, sem dúvida, um dos “lugares” mais ecléticos da Internet. Tudo o que se possa imaginar é tema para grupos da Usenet, sejam as sérias conversas sobre informática e política internacional, ecologia, seja o “besteirol” animado, culturas de grupos etc. Qualquer tema pode ser discutido na Usenet.

⁸ A WWW é a parte gráfica (páginas) da Internet, pois existem outras, não visíveis.

⁹ Abreviação de “Universal Resource Location”. É o “endereço” (na verdade um número, único no mundo) de um *site* na Internet.

¹⁰ A fim de evitar este tipo de problema, existem grandes empresas, como a Yahoo, que fornecem gratuitamente espaços para *sites* de até 10 *megabytes* para pessoas físicas e instituições sem fins lucrativos. A vantagem desta atitude, é que diversas outras empresas, investem nelas por causa do número exorbitante de acessos (mais de 20 milhões por dia) anunciando seus produtos nas páginas intermediárias. Os anúncios podem, contudo, ser facilmente ignorados com um simples “clique” de *mouse*.

¹¹ O uso da Internet tem trazido centenas de palavras novas à língua portuguesa. Apesar das advertências insistentes de professores e puristas de que o verbo “acessar” não existe, ele é usado sem receio por todos os que escrevem na Net, e já faz parte do cotidiano da propaganda, dos jornais e das revistas. Acessar um *site* significa chegar a uma página de textos e imagens (sons, vídeos etc) colocada no ar por uma pessoa, empresa ou entidade. O verbo acessar é transitivo, direto e regular.

pados” com a mesma paciência de quem procura nos sebos os livros “certos”.

Todos estes meios podem ser utilizados, portanto, para verificar a existência de dados, a pertinência de um problema proposto pela pesquisa, para contatar informantes e outros pesquisadores etc. Em minha pesquisa sobre festas no Brasil, utilizando estes recursos, encontrei centenas de *sites* brasileiros sobre festas locais e de outros países produzidos pelos próprios “festeiros”, com dados qualitativos, quantitativos, fotos (que pude inclusive usar em minha tese depois de pedir autorização, via *e-mail*, aos *webmasters*¹² responsáveis) e sons, dados governamentais como os da Embratur com os projetos de incentivo ao turismo através das festas e outros *sites*, menos significativos, administrados por empresas de turismo que, em conjunto, também constituíam um dado importante. Havia ainda *sites* europeus sobre folclore e temas afins. Livrarias *on-line* como a Amazon.com e a Booknet, brasileira, ajudaram a conseguir livros difíceis de encontrar aqui, a preços vantajosos. Até mesmo sebos puderam ser consultados *on-line*, como o Sebo Brandão, ao qual se pode consultar via *e-mail* sobre a existência ou não de um dado livro em seu estoque e, se houver e o preço interessar, solicitar seu envio a qualquer parte do Brasil ou do mundo. Gallimard, Barnies e outras importantes livrarias internacionais também mantêm seus *sites* de venda *on-line*, com catálogos atualizados constantemente. Existem, ainda, inúmeros Dicionários e Enciclopédias *On-line*, que podem fornecer dados de várias espécies.

Todos estes recursos são bastante úteis durante a elaboração e realização de um projeto de pesquisa e poupam tempo e dinheiro do pesquisador e da pesquisa. E embora existam poucos *sites* efetivamente dedicados à Antropologia, já se discute este potencial nos meios acadêmicos internacionais:

“There are notably no established electronic journals, ethnographic databases, photographic archives, or on-line courses or textbooks. Major institutions, including the AAA and the HRAF, seem to be unaware of the new possibilities for scholarly communication. This situation may be temporary, and we may be on the verge of an explosion of Internet development. However, several barriers confront future development. These include the problems of obtaining training and achieving proficiency in new skills, gaining and ensuring access to new resources, and assigning and protecting academic credit for new publication forms”. (Schwimmer, 1996: 566).

O “CAMPO” VIRTUAL

O “campo virtual” é composto, além dos sites especializados, acadêmicos ou paralelos, por milhões de páginas criadas por grupos de interesse e de identidade, que se apresentam e se comunicam globalmente através da Net. Grupos religiosos

¹² *Webmaster* (mestre de rede) é o profissional que cria e coloca no ar as páginas dos sites.

(budistas, evangélicos, católicos, islamitas, afro-brasileiros, afro-cubanos, protestantes históricos e outros), por exemplo, têm seus *sites* na Internet e dialogam com seus fiéis e outros, mundialmente, através da rede, que se tornou, deste modo, um novo campo e novo meio de proselitismo, atestando a modernidade sendo absorvida até mesmo pelas religiões mais tradicionais¹³. Esportistas, artistas, gays, lésbicas e bissexuais, deficientes, negros, mulheres, capoeiristas, punks, darks, skin-heads, neonazistas, torcidas de futebol, sambistas, roqueiros, góticos, adolescentes, naturalistas e nudistas, idosos, pacifistas, comunistas, necrófilos, pedófilos, sado-masoquistas, índios americanos, rastafaris, motoqueiros, corredores e toda a infinidade de categorias que se possa imaginar são encontráveis na Net. *Sites* com a história de formação dos grupos, dissidências, novidades etc. são também comuns dentro de cada categoria.

Os grupos geralmente mantêm, além de suas páginas, listas de discussões (*mailing lists*) sobre seus temas prediletos e outros que se relacionem diretamente a eles. Para fazer parte destas listas, como alguém que troca idéias ou apenas como leitor (chamados pelos grupos de *lurkers* – “espreitadores”), é necessário ter os endereços das listas (geralmente disponíveis nos *sites* dos grupos ou facilmente localizáveis através de mecanismos de busca), e subscrevê-las, enviando-lhes um *e-mail*¹⁴. A subscrição das listas em geral é gratuita, como quase tudo na Internet, embora algumas sejam restritas a convidados (“fechadas”).

Os grupos de discussão que se comunicam via *mailing lists* também podem ter um canal de conversa próprio, em tempo real, via IRC (International Relay Chat – bate-papo internacional, que funciona também em nível local). A estes grupos, quando “abertos” (pode-se optar por ter um grupo “fechado”), qualquer pessoa tem acesso, bastando para isso que tenha o programa adequado¹⁵ ao IRC. Nos servidores internacionais se “fala” inglês. Mas também é possível acessar servidores locais, como os franceses, árabes, africanos, japoneses, ou brasileiros entre outros, se se souber escrever no idioma nativo. Cada servidor de IRC se subdivide em cerca de 1000 outros canais, entre privativos e públicos. Neles, pode-se usar o nome real ou um pseudônimo¹⁶, o que muitas vezes se faz necessário, devido ao excesso de nomes repetidos, que o sistema não aceita. Os servido-

¹³ Venho realizando, desde 1998, um projeto de pesquisa sobre a auto-representação dos grupos religiosos afro-brasileiros na Internet, suas implicações e significados. Como um dado surpreendente surge o número de terreiros que mantêm sites na rede e o tipo de informações por eles disponibilizadas.

¹⁴ Na verdade, o *e-mail* é enviado para os grandes administradores de listas da Web, que fazem a distribuição das mensagens.

¹⁵ Os programas de acesso também estão disponíveis para *download*, gratuitamente, na Net. Quem usa sempre deve registrá-los (comprar) a fim de evitar as restrições impostas, embora seja possível usá-los mesmo sem registro.

¹⁶ O simples estudo dos *nicknames* já constituiria uma interessante pesquisa de “cultura internética”.

res de IRC não permitem, também, o total anonimato dos usuários, como acontece nos *chats* de empresas como a Compuserv, América On-line ou Universo Online, para citar um exemplo brasileiro, pois indicam publicamente o protocolo (número que indica o provedor de onde se está conectando¹⁷), o que permite, em caso de transgressões ou problemas mais sérios, saber de onde partiu uma dada ligação¹⁸.

Por ser um espaço virtual onde as pessoas estão minimamente identificadas, conversar por IRC com as pessoas de um grupo ou local, pode ser um modo interessante de inserção na rede e de se conseguir informações. É claro que não se deve esquecer que estas informações estão classificadas, de antemão, dentro de uma faixa específica de informantes com a relação à alfabetização, classe social (não é necessário ser o proprietário de um computador – muitas pessoas que trabalham com eles, durante o dia ou à noite, além de estudantes que conectam de dentro de suas universidades, estabelecem algumas pausas no trabalho para a troca de conversas e *e-mails*, ou para navegar em busca de assuntos de seu interesse etc.), raça, gênero, localização geográfica etc. Ainda assim, em determinadas pesquisas é perfeitamente possível estabelecer-se interlocuções produtivas com os usuários da Internet.

É claro que o uso deste recurso como meio de investigação requer discussões e algumas reelaborações de conceitos antropológicos como, por exemplo, os de “campo”, de “familiaridade com o grupo”, “chegar ao campo” e o de “deixar o campo” e, principalmente, o de interação pesquisador/pesquisado, já que não parece possível, por exemplo, entrevistar alguém na Internet sem que este alguém saiba exatamente qual a finalidade da entrevista e de que modo será usado seu depoimento. De qualquer modo, parece claro que o conceito de cultura¹⁹ se aplica a estes grupos que se reúnem e mantêm uma vida em comum através da comunicação via Internet.

¹⁷ Os protocolos são códigos que permitem aos computadores comunicarem-se entre si.

¹⁸ Conseguir estes tipo de informação, entretanto, não é fácil, pois exige que o provedor Internet dono do IP se disponha a localizar o usuário que fez a chamada, o que além de implicar enorme trabalho e gasto de tempo é contra os princípios da “democracia internetica”; só é feito em casos extremos, como os de crimes contra a pessoa ou de danos aos equipamentos por inclusão proposital de vírus ou outros.

¹⁹ Os diferentes conceitos de cultura pensados pela antropologia apesar de divergirem em alguns pontos, mantêm como recorrentes as idéias de um conjunto identificável de valores e símbolos de um dado grupo, que se relacionam de forma dinâmica segundo os contextos variados de sua utilização. Neste sentido, o conceito de cultura elaborado por Geertz apresenta correspondências adequadas ao tratamento do campo virtual. Para Geertz, “cultura é uma “rede” de significados que os homens elaboram socialmente” (1978: 15), e sua análise é sempre parcial, visto que a cultura é muito mais que a soma de seus elementos. Além disso, nessa perspectiva, a interpretação dos significados é sempre, ela mesma, decorrente da posição dos intérpretes e de suas formas particulares de recepção e emissão de significados. Os grupos virtuais mantêm jargões próprios, práticas específicas, valores e pauta de consumo compartilhados podendo ser caracterizados como grupos de estilos próprios, étnicos mesmo, no sentido que dá ao termo Abner Cohen (1978). Os “micreiros”, internautas ou “plugados” costumam referir-se a si mesmos, inclusive, como uma “tribo eletrônica”.

Alguns pesquisadores (sociólogos e psicólogos, geralmente) vêm tentando usar as listas de discussão para distribuir *surveys* e questionários, mas este procedimento parece pouco produtivo, pois poucas pessoas respondem ou respondem apropriadamente; afinal esta não é a finalidade de uma lista de discussão. Outros pesquisadores também têm tentado usar o *e-mail* para conduzir entrevistas, mas como este procedimento é assíncronico, perde-se na interatividade que uma entrevista informal, não-estruturada pode ter. Não se pode modificar as questões da entrevista com base na resposta da pessoa, por exemplo. O *chat* parece melhor para esta finalidade, pois permite uma conversa interativa em tempo real. Se o pesquisador e os entrevistados tiverem um microfone é possível, até, conversar usando voz, em vez de texto, o que cada vez é mais comum. Por que não, então, o telefone? Porque o acesso à Internet permite falar de longas distâncias e internacionalmente pagando-se apenas tarifas locais, entre outras vantagens²⁰. Também a teleconferência, que já começa a ser usada por empresas, pode recuperar, num futuro muito próximo, dimensões que se perdem numa entrevista via IRC ou *e-mail*, como a expressão e a aparência dos participantes, já que uma câmera captura a imagem e um microfone o som. Mas o pesquisador ainda perderá aquela centena de sutilezas paralingüísticas que vêm da pessoa entrevistada, como os tiques pessoais, gestos etc.

Pessoas que estão navegando durante os fins de semana ou de madrugada em geral estão dispostas a conversar, embora o pesquisador deva considerar, sempre, que o acesso à Internet é pago em número de horas gastas pelos usuários; portanto, tomar o tempo de alguém, a menos que este se demonstre interessado no que se pretende propor como tema de conversa não é de bom tom. E como em qualquer campo, também no “campo virtual” o antropólogo deve ser cuidadoso ao entrar em contato com os informantes num canal de *chat* (equivalente a uma “sala”, que é inclusive o nome que se dá, em muitos IRCs, aos canais) e introduzir perguntas estranhas ao que está sendo dito naquele momento pelos participantes. Também no “mundo virtual” é preciso estabelecer relações com as pessoas aos poucos, tornar-se parte do grupo, cativar sua confiança e ser aceito por ele para que as pessoas se disponham a perder seu tempo com você e seus interesses. Os “internautas” não estão disponíveis a qualquer momento e a Net possui vários meios e critérios de inclusão e exclusão. Se a pessoa se torna inconveniente durante uma conversa, facilmente será “quicada” (expulsa, desconectada) do *chat*, que inclui esta possibilidade no menu. Ela também é usada sempre que um “novato” entra num *chat*. Esse procedimento é considerado um “batismo” e um teste para o senso de humor das pessoas, não sendo conveniente esbravejar quando se retorna ao canal.

²⁰ Uma delas é a de que tudo o que é “dito” já está na forma de texto, que pode ser capturado a qualquer momento, poupando-se as transcrições.

Durante minha pesquisa, quando iniciei os contatos com pessoas que moravam nas regiões onde aconteciam as grandes festas que estudei, tive que conversar muito sobre computadores, rock, minha vida pessoal, antropologia em geral, o objeto de meu estudo, por que queria estudar festas etc., antes que fosse possível entrar no assunto como entrevista propriamente dita. Os internautas²¹ são, em geral, gente informada, mesmo se apenas sobre temas de seu interesse. E como “viciados em informação” tentam saber tudo que puderem tanto sobre a pesquisa e suas implicações quanto sobre o interlocutor e sua vida pessoal. Percebe-se claramente uma certa “desconfiança” no primeiro momento dos contatos, uma vez que a Net permite às pessoas, em alto grau, a criação de “personas²²” e de fantasias pessoais o que, segundo penso, apesar de bem raro entre as pessoas que conheci nestes cinco anos de uso da rede, pode constituir problema para algumas pesquisas. No meu caso, entretanto, como se tratava de um assunto por si já de caráter público (e minhas perguntas versavam sobre os acontecimentos das festas, lugares, mitos, eventos, políticas etc.), todos se sentiam qualificados, autorizados e, pelo que pude entender, bem à vontade para falar. Não sei dizer se pesquisas sobre temas que proponham aspectos em que a intimidade dos informantes precise ser desvelada podem conseguir o mesmo retorno. Acredito que sim, pois as pessoas que se conhecem durante longos períodos pela Net, tendem a falar sobre os temas de modo mais aberto, franco, revelando aspectos sensíveis e íntimos que poucas vezes se imagina conseguir fora da comunicação eletrônica. Criam-se laços afetivos de fato, a partir do encontro de afinidades. Segundo Suler (1996), a Internet é um espaço psicológico, que favorece a exploração pessoal e grupal de emoções e identidades, capaz de criar novos comportamentos, propiciando inclusive o desenvolvimento de maior confiança entre as pessoas. Storch (1996, *site*) assídua internauta que juntamente com um psicólogo escreveu um dos primeiros livros sobre o mundo das relações virtuais no Brasil diz:

“Em busca de aprovação, de reconhecimento e sem as pressões sociais e profissionais, as pessoas se tornam mais acessíveis. Com uma roupa confortável, ouvindo música ou com o outro olho no aparelho de TV, no horário mais conveniente, cada um se torna aberto para se comunicar e transformar esses contatos em momentos de

²¹ Quem usa a Internet é internauta, no jargão dos usuários. Qualidades relativas à Internet são internéticas. Usar a rede pode ser navegar, internetear, surfar. Quem está começando é *newbie*, os veteranos, “escovadores de chip”. Uma pessoa chata é GPF (um erro geral e grave de proteção, em programação), etc. Quem não navega é continental ou primitivo, “desplugado”.

²² Esta prática da mudança de nomes e, assim, de identidades, permite ao indivíduo experimentar novos papéis. Jung chama esta “máscara” de *persona*. A *persona* representa as diversas maneiras de um indivíduo atuar diante das diferentes situações e solicitações que o contexto impõe, muitas vezes deixando de lado seus desejos, sonhos e fantasias. Na comunicação virtual surge um espaço para vivenciar psicologicamente estas fantasias. (Storch e Cozac, 1996).

lazer e prazer. Mais confortável que o telefone, pois não é necessário que o outro esteja conectado ao mesmo tempo. Cada um acessa no momento e no lugar que escolher e só isso já diminui muito o stress inerente aos encontros pessoais” (Storch, 1996, site).

Mesmo para pesquisas em áreas indígenas ou rurais, de um ponto de vista prático, o uso dos computadores e da Net na pesquisa de campo pode se mostrar relevante. Como os computadores têm se tornado cada vez mais leves, portáteis (*palm-tops*) e poderosos em sua capacidade de comunicação e de armazenamento de dados, tornam-se mais úteis até mesmo para pesquisadores em campos longínquos. Com um pequeno cartão-*modem* inserido num *palm-top* é possível o acesso, via telefone celular, aos satélites e, através de um pequeno microfone ou de um microfone e uma micro-câmera, o antropólogo pode facilmente falar com sua família, amigos e colegas, vê-los e ser visto, mesmo estando num distante povoado onde a eletricidade e a telefonia ainda não chegaram. O antropólogo já não precisa estar isolado no campo, longe de sua cultura, como Malinowski entre os trobriandeses, lembra ao leitor nas primeiras páginas de “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. Estar no campo, na era dos computadores, já não implica, necessariamente, estar isolado e emocionalmente fragilizado, pelas ausências ou pela falta de comunicação.

Como se vê, a pesquisa qualitativa na Internet não sofre da falta de textos, imagens, sons e nem, principalmente, de pessoas vivas ou emoções. A necessidade de exprimir as emoções por escrito fez surgir o que os internautas chamam de *emoticons* (ícones de emoção), que constituem verdadeira pontuação nos textos da Internet. Ri-se, faz-se ironias, zanga-se, fica-se envergonhado, chateado, cansado e chora-se por escrito. Envia-se flores virtuais, chocolates, músicas, poesias ou também vírus quando as coisas “vão muito mal” entre as pessoas.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Como em todas as sociedades e culturas, a “cultura cibernética” do mundo virtual, criou vários tipos de rituais, jargões e códigos fazendo com que a inserção do antropólogo nesta “sociedade virtual” implique o aprendizado destes códigos (um deles chamado Netiqueta – etiqueta da Internet, que determina o que é adequado e o que não é na troca de mensagens em tempo real ou não) e do “internetês”. É preciso aprender a usar programas específicos para fazer coisas, como enviar via *modem*, para alguém, um arquivo que você comenta que tem e o outro lhe pede, pois não é educado pedir o endereço residencial de alguém para enviar textos de papel. E logo será necessário aprender a anexar arquivos em mensagens, a conectar seu computador com o do informante diretamente etc., a usar o

TELNET²³, FTP²⁴ e a conviver no mundo virtual em termos de suas categorias, aprendendo a fazer o que fazem todos, como em qualquer processo de observação participante. Os internautas são imensamente pacientes em ensinar a lidar com o meio técnico-virtual. Mas é preciso, ainda, aprender conceitos como os de privacidade na Internet, tempo na Internet, expectativas pessoais.

Para algumas pessoas, apenas o relacionamento virtual pode não ser suficiente, e implicar a necessidade de algum grau de relacionamento fora da rede ou, como se diz na Net, IRL (In Real Life), mantendo contatos pessoais com seus interlocutores, especialmente se isso faz parte dos hábitos do grupo com os quais se relaciona. O pesquisador deve considerar se isto é conveniente ou não no caso de sua pesquisa, lembrando que este procedimento pode ser dispendioso e até impraticável, considerando-se que as pessoas que se encontram na Net nem sempre estão no mesmo lugar que os outros (a menos que o grupo que se estuda seja local). No caso de minha pesquisa, um encontro com os informantes da Net seria impossível sem grandes deslocamentos de todos, pois alguns eram do Pará, outros do Amazonas, de Pernambuco, Santa Catarina, Goiás e nenhum de São Paulo, cidade onde vivo.

Um dado interessante é que em muitos casos, na Net, é possível observar sem participar, como nas listas e *chats* públicos (como *lurker*). No entanto, o pesquisador ficará restrito, não dominará o código facilmente e provavelmente não entenderá o que constitui essa cultura internética tão cheia de novos modos de relacionamentos²⁵. Só observar pode uma ser uma estratégia a ser conjugada com outras, de participação direta.

CITAÇÃO DAS FONTES

Um problema que se colocava até bem pouco tempo, com relação às fontes de dados da Internet dizia respeito a como citá-los. Nem tanto com relação aos sites, cujo URL é facilmente citável, mas à autoria dos textos que neles aparecem,

²³ O TELNET é um programa/protocolo que oferece interface para conexões remotas com outras máquinas na rede para processar informações como se estivéssemos trabalhando em nossa própria máquina. Isto normalmente exige uma autorização específica por parte da instituição onde se situa o servidor remoto, geralmente universidades ou provedores estrangeiros.

²⁴ FTP (File Transfer Protocol ou Protocolo de Transferência de Arquivo) é um programa e, ao mesmo tempo, um protocolo. O FTP serve para mandar ou receber arquivos de um computador para outro. Na Internet existe o FTP privado, de acesso restrito aos usuários autorizados e o FTP anonymous, para arquivos depositados em diretórios públicos. O FTP na Internet é uma fonte inesgotável de programas que você pode trazer para sua máquina.

²⁵ Entre outros, o sexo virtual e a psicanálise virtual, bastante divulgadas pela imprensa, mas também as consultas médicas virtuais e as “festinhas” virtuais em *chats* e Palace (Suler, 1996).

poucas vezes assinados. Outro caso é o de como citar informações colhidas em *mailings lists*, BBS, mensagens pessoais. Como indicar a autoria de fotos, sons, filmes ou animações quando elas não estão assinadas? E como lidar com o problema da retirada de uma certa página do ar?

Já existem várias propostas, na própria Net, de como citar fontes, produzidas por profissionais competentes e parece haver consenso sobre a maioria dos critérios. Entre os trabalhos de profissionais brasileiros que indicam como citar estas fontes está o de Gevilácio Moura que elaborou uma proposta de normas para a Associação Brasileira de Normas Técnicas. (Entre outras coisas, Moura recomenda que se grave e imprima as páginas, anote-se o endereço e a data em que foram capturadas, no caso das páginas de *sites*. Uma solução utilizada por mim foi a de enviar um *e-mail* ao responsável pela página solicitando as fontes. Para minha surpresa, poucas vezes eles mesmos sabiam quem era o autor da foto e sim a quem pertencia a cópia digitalizada. Fui autorizada a usá-las, pelos responsáveis pelas páginas, apenas na tese e não em futuras publicações em papel.

Os informantes dos IRCs e outros *chats* podem ser citados, desde que consultados sobre se desejam isto e saibam com que finalidade vai ser usada sua “fala”. Várias outras propostas de normatização de fontes da Internet podem ser encontradas na própria rede, usando-se os mecanismos de busca. A questão é, entretanto, uma das mais importantes e discutidas pelos acadêmicos, cujo patrimônio consiste, exatamente, nas idéias e publicações. Ao mesmo tempo em que se reconhece a extrema importância da publicação em hipertexto e multimídia, da ampla divulgação das idéias, do enriquecimento das apresentações, pensa-se em como evitar plágios, como obter direitos autorais e na perda da autoridade profissional, inclusive:

“On-line instructional material and research resources will counteract the hierarchical professor-student relationship, and faculty will become mentors rather than authorities. Furthermore, the limitless potential for electronic distribution will make it easier for younger scholars and even graduate students to publish. In sum, a new social order will emerge marked by egalitarianism and collaborative scholarship” (Schwimmer, 1996: 566)

Como se vê, se a coleta de dados e as “etnografias” podem se valer de modo extremamente positivo da riqueza de informações existentes na rede mundial Internet e constituir uma técnica viável para pesquisas antropológicas. As várias dimensões das pesquisas, abordagens, dos novos modos de publicação e mesmo suas influências sobre as carreiras do pesquisadores e dos modos de se aprender antropologia precisam começar a ser discutidos a fim de tornar esta prática legítima, eficiente, socialmente positiva e ética.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, RITA – *Festa à brasileira. Sentidos do festejar no país que “não é sério”*. Internet (São Paulo), 2001. (Disponível via www no URL: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>)
- ANDERSON, RONALD & BRENT, EDWARD E. JR. – *Computer Applications in the Social Sciences*, Philadelphia, Temple University Press, 1990.
- BERNARD, H. RUSSELL AND ADAM, M. EVANS – “Word processing, office drudgery and the microcomputer revolution”. In *Technology and Social Change*, 2 ed. H. Bernard and P. Pelto. Prospect Heights, Il Waveland Press, 1987.
- BERNARD, H. RUSSELL – *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches*, SAGE Publications, Thousand Oaks, 1994.
- CHESEBRO, JAMES & BONSALE, DONALD – *Computer-Mediated Communication: Human Relationships in a Computerized World*, New York, Univ. of Alabama Press, 1989.
- GEERTZ, CLIFFORD – *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- HUDSON, JUDITH & ATKINSON, STEVEN D. – *Women Online: Research in Women's Studies using Online Databases*, New York, Haworth Press, 1990.
- JONES, STEVEN G., ed. – *CyberSociety: Computer-Mediated Communication and Community*, SAGE Publications, Thousand Oaks, 1995.
- MOURA, GEVILÁCIO A. C. DE – “Citações e referências a documentos eletrônicos”. [online] Disponível na Internet via www. URL: <http://www.elogica.com.br/users/gmoura/>, 25/06/1996. Arquivo capturado em 1996.
- SCHWIMMER, B. – “Anthropology on the Internet Journal” In: *Chicago Current Anthropology*, Chicago, V. 37, N.3, June, 1996.
- STORCH, LEA – “O olhar virtual: a realidade por trás da realidade” [on-line] Disponível na Internet via www. URL: <http://www.chadel.com/lea/olhar/olhar.htm>. Arquivo capturado em 19/04/1998.
- STORCH, LEA E COZAC, JOÃO RICARDO – *Relações Virtuais – O Lado Humano da Comunicação Eletrônica*, Petrópolis, Vozes, 1996.
- SULER, JOHN – “Teaching Clinical Psychology” [on-line] Disponível na Internet via www. URL <http://www1.rider.edu/~suler/psycyber/psycyber.html> Arquivo capturado em Agosto de 1996.
- ZEITLYN, DAVID – “Reconstructing kinship or the pragmatics of kin talk”. In: *MAN* n. 28: 1993.